



## Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

### Vasco contra o racismo

A notícia do congolês espancado até a morte em um quiosque da orla da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, foi uma das mais tristes que li nos últimos tempos. Deixou-me desalentado. É o Brasil mostrando o que tem de pior: a covardia, o ódio aos pobres, em vez de inconformismo com a pobreza; o ódio aos negros, em vez de indignação com o racismo.

Mas eis que leio uma notícia de-sanviadora: o Vasco da Gama, primeiro clube a acolher os negros no futebol,

promoveu, em seu estádio, um jogo entre um time de refugiados congolese e um de brasileiros. É uma pequena iniciativa, no entanto, alentadora, pois o futebol é aquela zona de confraternização das raças em um país com o peso de 400 anos de escravidão. A partida dá visibilidade aos refugiados. Embora esteja soterrado, esse Brasil solidário, comunitário, compassivo e agregador também existe.

Brasília tem muitos vascaínos. A notícia do jogo me levou até a história do Vasco registrada no clássico *História do negro no futebol brasileiro*, de Mario Rodrigues. Acompanhem a narrativa do irmão de Nelson Rodrigues. A princípio, os brancos reinaram absolutos, pois os estudantes filhos da elite carioca tinham tempo de sobra para treinar. A molecada

negra e mulata ficava nas imediações dos estádios à espera que algum beque mais grosso desse um chute e jogasse a bola fora para roubá-la.

Logo a febre do novo esporte se alastrou pelas ruas dos subúrbios, em infinitas peladas com bolas de meia, onde se reinventou a rigidez do futebol inglês, acrescentando-lhe o balanço do samba e a ginga da capoeira: o football virou futebol, expressão cultural brasileira, dança improvisada e imprevisível. Os primeiros negros e multos começaram a despontar nos clubes da elite.

Mas não se imagine que essa ascensão foi automática. O jogador Carlos Alberto passou pó de arroz no rosto para embranquecer a pele e jogar no aristocrático Fluminense. O craque Arthur

Friedenreich atrasava o início dos jogos nos vestiários, tentando amansar o cabelo rebelde de mulato filho de pai alemão com mãe negra.

Em 1923, ninguém prestou atenção no Vasco da Gama, time patrocinado pelos comerciantes portugueses, que, na boa tradição lusitana, misturou negros, mulatos e brancos bons de bola. Vasco Campeão.

Em represália, a liga dos clubes da elite branca baixou portaria exigindo que todos os jogadores escrevessem o nome e tivessem vínculo empregatício. Uma covardia, pois o acesso dos negros e mulatos à escolas era muito difícil. Mas não adiantou: com a profissionalização, o futebol tornou-se o primeiro espaço realmente democrático da sociedade

brasileira, onde não vale o pistolão, o nome de família ou o dinheiro.

É preciso impor-se pela competência, a habilidade e o talento. O futebol driblou, espetacularmente, o racismo, mostrando que, como disse Câmara Cascudo, o que o Brasil tem de melhor mesmo é o brasileiro. Eu só faria uma pequena retificação: o que o Brasil tem de melhor são alguns brasileiros.

A ação do Vasco em solidariedade aos migrantes congolese me fez esquecer, por alguns instantes, o anti-Brasil triunfante. Recentemente, Gabigol foi alvo de xingamentos racistas e nenhum jogador se manifestou. Os clubes de futebol e os jogadores precisam sair da bolha de alienação e da internet e acordar para o Brasil. É muito bom quando o Brasil é Brasil.

**OBITUÁRIO /** Fundador do teatro-oficina, o pioneiro não resistiu às complicações causadas pela covid-19. Chegou a Brasília em 1960 e fez história ao criar um espaço cultural que marcou gerações. Foi abraçado pelos artistas da cidade

# José Perdiz, 89 anos

» EDIS HENRIQUE PERES

O teatro brasileiro perdeu ontem um grande defensor da sua arte com a morte de José Perdiz, aos 89 anos. O fundador do teatro-oficina Perdiz enfrentava problemas do coração desde 2021 e, no começo deste ano, contraiu covid-19. Foi vítima de complicações causadas pelo vírus. A filha mais nova do mestre das artes cênicas, Júlia Karla Cunha Perdiz, 25 anos, conta que o pai apresentava um quadro de arritmia nos últimos meses.

“Ele até colocou marca-passo (no coração) para ver se melhorava, mas continuou tendo muito cansaço e mal-estar. Os problemas (de saúde) vinham desde o ano passado. Então em janeiro, quando ele pegou covid-19, por já estar debilitado, ele ficou bem ruim e com pneumonia”, disse Júlia.

José Perdiz deixou seu legado para a família, moradores e, especialmente, para a cultura da capital federal. “O grande legado deixado pelo meu pai é o amor que a gente tem pela arte. Valorizamos o trabalho e as pessoas que estão com a gente. Meu pai foi um grande trabalhador, um grande cabeça dura também, que defendia as suas ideias até o fim, não abria mão dos seus ideais e nem dos seus princípios”, ressaltou a filha caçula.

Além de ser pai de Júlia, Perdiz tinha quatro filhos do primeiro casamento. Anderson Perdiz, 52 anos, que mora no Espírito

Santo, conta que esteve com o pai aqui em Brasília na semana passada. “Convivi com eles nos últimos momentos. Perdi meu melhor amigo. E Brasília perdeu um grande apoiador da cultura. Estou muito triste, mas sou grato por esses 52 anos tendo ele como pai”, desabafou o filho.

Muito emocionada, Júlia adiantou ao *Correio* que pretende organizar uma homenagem ao pai no Teatro-Oficina Perdiz. “Como fui pega de surpresa, ainda não sei o que vou fazer e hoje (ontem) estou organizando toda a papelada. Mas no fim de semana quero fazer algo especial”, afirmou. Júlia destacou que mais informações sobre a homenagem a José Perdiz serão postadas no instagram oficial do teatro: @perdiz.teatrooficina.

### Amor à arte

O cineasta Marcelo Díaz, 46, destaca que Perdiz era “uma pessoa maravilhosa como ser humano e como guerreiro”. “Atuou, literalmente, até os últimos dias, pela resistência de estimular a arte e a cultura. Perdemos um nome fundamental da nossa cultura em um momento que cada vez mais precisamos valorizar as pessoas como o Perdiz, que buscou uma arte igualitária. Ele era uma pessoa simples que marcou gerações. Onde ele chegava, ele iluminava os lugares, trazia reflexão e bom humor”, destaca.

Emocionada, a atriz Micheli Santini, 36 anos, destacou que Perdiz foi “amigo acima de tudo”.



**Atuou, literalmente até os últimos dias, pela resistência de estimular a arte e a cultura. Perdemos um nome fundamental da nossa cultura em um momento que cada vez mais precisamos valorizar as pessoas como o Perdiz, que buscou uma arte igualitária. Ele era uma pessoa simples que marcou gerações. Onde ele chegava, ele iluminava os lugares, trazia reflexão e bom humor”**

Marcelo Díaz, cineasta

“Ele fez e faz muita diferença. Acendia uma chama dentro da gente muito forte, de ética, do Brasil que a gente desejava ter, da nossa capacidade. Ele era muito

sábio. Era uma luz. O meu grupo de Teatro Concreto começou a nossa primeira peça lá (no Oficina-Teatro)”, lembra. Micheli lembra o dia, em 2000, do abraço coletivo de artistas em torno da sede da oficina, para impedir a ação dos tratores que iriam derrubar o espaço na 708/709 Norte.

“Estava lembrando aquele momento de novo, da nossa corrente humana e a sensação que tenho hoje era que, na verdade, estávamos fazendo uma corrente para que a gente não tombasse. Foi essa resistência que o Perdiz nos ensinou, mesmo diante da trululência, da desesperança. Ele fez muito pelos artistas”, reforça.

O velório está marcado para hoje das 11 às 13h, na Capela 03 do Cemitério de Taguatinga.

### Resistência

José Perdiz nasceu em 1932 na cidade de Batatais, no estado de São Paulo. Criado em Araguari, em Minas Gerais, na juventude viveu em Belo Horizonte e veio para o Distrito Federal em 1960, onde construiu parte de sua história. Em 1969, abriu uma oficina mecânica, no entanto, em 1975 o espaço ganhou a atmosfera cultural quando o sobrinho pediu para utilizar o local para ensaios com colegas da Faculdade Dulcina de Moraes.

No fim da década de 1980, o local tornou-se um espaço cultural com a chegada do diretor de teatro Mangueira Diniz e da adaptação da peça *Esperando Godot*, de Samuel Beckett. Entre 1991 e 1992, a oficina chegou a receber um

Breno Fortes/CB/D.A. Press



Em 1975, a oficina mecânica na 708 Norte virou palco da arte

público de 7,5 mil pessoas

No entanto, os desafios viriam. Em 2000, ele enfrentou problemas ao ser questionado por realizar as atividades da oficina em área pública. Em setembro daquele ano, um grupo de pessoas realizou um cordão humano para defender o teatro de uma ação de derrubada. Em 2007, novos problemas ocorreram quando uma construtora começou obras ao lado do teatro e afetou o telhado.

As questões judiciais de legalização do espaço duraram até 2019, quando a escritura definitiva de um lote na 710 Norte para se instalar definitivamente foi concedida. Ele já tinha se mudado em 2015 para o novo

endereço. A decisão da Justiça considerou que a reivindicação dos artistas e de Perdiz, que sensibilizado com a arte cedeu o espaço de sua oficina para ensaios e apresentações, mereciam o reconhecimento, principalmente em tempos de difícil valorização da arte.

Atualmente, o Teatro do Perdiz fica localizado na 710 Norte e tem capacidade para até 80 pessoas. A história da Oficina Perdiz virou até um documentário, dirigido por Marcelo Díaz. A obra ganhou o Troféu Candango de Melhor Curta 35mm do DF no Festival de Brasília e no Festival Internacional de Curtas São Paulo, de 2007.

### AVALIAÇÃO

# Primeira etapa do PAS tem 6,18% de abstenção

» ANA LUISA ARAUJO

As provas do Programa de Avaliação Seriada (PAS) da etapa 1 do triênio (2021-2023) ocorreram ontem (20). Os alunos, que estão conhecendo o modelo de ingresso agora, precisam se esforçar durante cinco horas para colher frutos daqui a mais ou menos dois anos e meio. A avaliação, organizada pelo Centro Brasileiro de Pesquisa e Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebraspe), é a que tem menos concorrência, porque os alunos só disputam com estudantes do ensino médio. De acordo com a UnB, havia 17.347 inscritos. O índice de abstenção foi de 6,18%.

Jordana Santana, 16 anos, já sabe o que quer fazer na Universidade de Brasília (UnB). A jovem veio de Cristalina (GO) porque seu objetivo é cursar medicina, e ela tem se preparado para isso. Desde que a data da prova do PAS foi divulgada, a estudante passava todo o

período das tardes se dedicando diariamente.

“A pandemia fez a gente procrastinar muito, mas no meu colégio não fomos muito afetados porque já iniciamos o ensino médio de forma presencial, então isso me ajudou bastante. Muitos adolescentes não tiveram a mesma oportunidade”, contou. A adolescente estava nervosa, mesmo assim disse que se sentia preparada. “É muita gente, então assusta um pouco, mas estou confiante”, afirmou.

Morador de Águas Lindas, Felipe Melo, 15 anos, estuda no Sagrado Coração de Maria, na Asa Norte, e por isso precisa enfrentar quase 100 km por dia, contando ida e volta, apenas para estudar. Isso não o desmotiva. O jovem diz que tem facilidade em todas as matérias e estava ansioso e empolgado para fazer a prova.

Assim que entrou de férias, começou a estudar. Felipe não faz nenhum cursinho, o seu grande auxílio é a plataforma

YouTube, na qual encontra vídeos e estuda por meio do canal chamado Guia do PAS. “Eles fazem lives todos os dias”, contou. O candidato disse que até agora tem dois planejamentos. Ele pretende cursar direito ou economia. Por ter facilidade com muitas matérias, essa escolha é mais difícil para ele.

### Curso almejado

Assim como Jordana, Gabriel Braz, 16 anos, sonha com a medicina, o curso mais concorrido. Em sua família, ele conta que diversos parentes são médicos. No entanto, quando pequeno queria ser engenheiro civil como seu pai. Há cinco meses, ele se concentra nos exercícios.

“A realização do primeiro ano foi muito difícil para mim”, lembra o estudante do Colégio Podium. “Comecei atrasado e isso me atrapalhou, porque eu tinha parado de estudar e para pegar o ritmo de novo foi difícil”, disse. O candidato ainda frisa que

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Felipe Melo, 15, se preparou acompanhando o conteúdo das matérias em vídeos pelo YouTube

as aulas on-line não o ajudaram. Gabriel estava confiante para a prova e sentia que ia se dar bem em história, porque tem muita facilidade na disciplina.

Antes, Laura Maria Bezerra, 16 anos, também queria medicina, mas, mudou de ideia quando percebeu que seu objetivo era trabalhar conversando e interagindo. A estudante do Leonardo da Vinci diz ter se dedicado mais na véspera da prova, e, também, por meio de apostilas do PAS, disponibilizadas pelo colégio.

“Nas duas primeiras semanas que comecei a estudar, gastava cinco a seis horas por dia, mas eu parei depois”, afirma a moradora da Asa Norte. Mesmo sem se dedicar tanto, a adolescente se sentia preparada.

Eduarda Foscarin, 16 anos, é outro inscrito que busca uma vaga no curso de medicina. A estudante do Colégio Podium tem facilidade e gosta das disciplinas de história e química. “Eu tiro muita dúvida com professores. Faço provas antigas e bastantes

simulados, além de analisar as obras de literatura”, diz.

A jovem se sentia confiante para a prova, principalmente na parte de literatura. Segundo ela, o PAS é o melhor método para entrar na UnB pelo volume da concorrência que, quando comparado a outros vestibulares, é menor. “No fim de semana, eu não estudava muito, mas de segunda a sexta, além das 10 aulas que tinha no colégio, estudava cinco horas em casa”, finaliza